



N.º 25 — LISBOA, 2 DE JULHO

PARODIA
COMEDIA PORTUGUEZA

1.º ANO 1893

Publica-se às quintas-feiras
Toda a correspondencia deve ser dirigida ao administrador da
PARODIA-COMEDIA PORTUGUEZA
PREÇO AVULSO 20 RÉIS
Um mez depois de publicado 40 réis

Redacção e administração — RUA DO GREMIO LUSITANO, 66, 1.º

Assignaturas (pagamento adiantado)
Lisboa e provincias, anno 52 num. 1\$000 rs. | Brazil, anno 52 numeros. 2\$500 rs
Semestre, 26 numeros. \$500 rs. | Africa e India Portuguesa, anno 1\$000 rs.
Cobrança pelo correio. \$100 rs. | Estrangeiro, anno, 52 numeros. . 1\$800 rs.

NOTA: — As assignaturas por anno e por semestre acceptam-se em qualquer data; tem porém de começar sempre no 1.º de Janeiro ou no 1.º de Julho

EDITOR — CANDIDO CHAVES
COMPOZIÇÃO
Minerva Peninsular
111, Rua do Norte, 113
IMPRESSÃO
Lithographia Artistica
Rua 16 Almada, 32 e 34

A GRÈVE DO PORTO



BARRIGA DE VENTO

Noli me tangere

Novamente, na camara dos pares, o governo, interpellado por alguns velhos conservadores sobre o facto da deportação de um grupo de soldados de infantaria 18, invocou a integridade do principio da ordem, o que fez dizer a um dos dignos membros d'aquella casa do parlamento que o governo promove a ordem com a desordem.

O digno par protestava d'est'arte contra a illegalidade do feito de se manter o principio da ordem com atropello da lei, porque, segundo parece, os soldados de infantaria 18 foram um pouco tumultuariamente empurrados para a provincia d'Angola.

O digno par tem razão, mas nós vamos muitissimo mais longe: nós sustentamos que os governos mantem o principio da ordem com atropello da Moral, porque procurar manter a ordem n'uma sociedade que methodicamente se procura desorganisar, é offender a moral nos seus mesmos fundamentos.

Promover a desordem na sociedade, promover a desordem no Estado, promover a desordem na administração, promover a desordem no erario, promover a desordem nos espiritos, promover a desordem nas consciencias, ser n'uma palavra um fautor de dissolução social e ter a pretensão de ser ao mesmo tempo um agente de tranquillidade publica, é puramente e redundantemente uma indecencia.

Ter a pretensão de o fazer é um desafio á Moral.

Fazel-o é uma infracção.

Comtudo é o que se faz. Os poderes publicos em Portugal estão em conflicto com o decôr da Razão, que só concede os privilegios do Direito a quem está investido dos attributos moraes da Auctoridade.

Com que auctoridade moral invocam os governos em Portugal o direito de manter a ordem?

Não foram elles porventura que lançaram o paiz na desordem moral?

Não foram elles porventura que igualmente o lançaram na desordem economica?

Os poderes publicos armaram em Portugal um tumulto que dura ha setenta annos.

Elles e só elles tem estado fóra da ordem.

Quereis saber quem tem estado na ordem?

O povo.

O povo é o unico elemento da sociedade portugueza, que não constitue um perigo social.

Elle priva-se systematicamente de adquirir qualquer genero de noções que lhe perturbem a tranquillidade servidão; elle levanta-se pontualmen-

te cêdo e pontualmente se entrega a um trabalho que nunca o resgata da sua velha dependencia; elle paga com exactidão e zêlo o numero cada vez maior das contribuições com que o exploram; elle collabora com bonhomia no culto dos principios com que o ludibriam: elle vota circumspectamente, vae á camara pedinchar uma galeria e ouvir falar o sr. Lourenço Cayolla; elle considera com ternura o seu unico barco de guerra e com entusiasmo a sua unica peça d'artilleria; elle deixa-se empurrar, elle deixa-se espancar, elle deixa-se deportar, elle deixa-se matar.

O povo em Portugal não justifica a policia que existe para o guardar, como não justifica nenhum genero de medida de segurança.

Invocar contra elle o principio da ordem é esgrimir contra um moinho de vento. Comtudo, nunca os governos augmentam o numero das injustificadas perseguições que exercem contra elle, sem invocar o principio da ordem.

Porquê?

Porque os governos sabem que a ordem é uma superstição social e que invocam-a é pôr-se ao abrigo da impunidade de que systematicamente beneficiam todos os defensores de superstições.

A sociedade está na idéa de que se os governos faltassem, tudo, o mesmo cosmos, cairia em desordem. A sociedade imagina que se o sol apparece systematicamente cada manhã, é porque o governo está no poder.

D'ahi, a força dos governos, que elles utilisam em nome dos interesses mais abominaveis. Que elles invoquem a ordem, e o homem secularmente avassallado por uma immensa e solida cadeia de preconceitos, entregar-lhes-ha tudo, desde os direitos da sua consciencia até ás chaves dos seus cofres.

Por isso os governos, por dá cá aquella palha — ordem!

A ordem é um bill de indemnidade.

Em vão os governos dissolvem. Sempre que uma ou mais consciencias lh'o dizem, com ou sem estrepito, elles abafam-n'as rapidamente com um cobertor, como quem abafa um principio de incendio, depois do que, com os dedos ligeiramente chameuscados, mas orgulhosos da sua missão, dizem — Ordem.

Diante d'esta palavra, a collectividade hesita, recua, curva a cabeça. Ordem, quer dizer *noli me tangere*.

JOÃO RIMANSO.

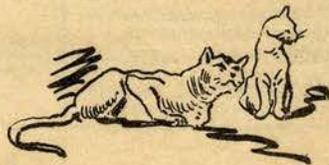


Os gatos e as sardinhas



Dois gatos, fartos de espinhas,
Estavam á beira mar;
E ao longe viram sardinhas
Em um cardume, a nadar.

Diz um gato:— O' amiguinhas,
Podeis-vos approximar:
Eu cá não como sardinhas,
E' só carne o meu manjar.



Outro gato:— Meus instinctos
Só me levam a ter asca
Aos mal implumados pintos
Quando elles saem da casca.

— Approximae-vos, meninas
Disseram os dois em côro;
A nossa raça é das finas,
Incapaz d'um desaforo.

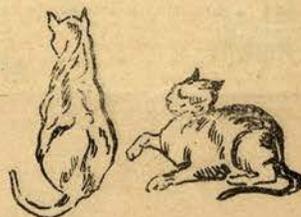
Meus caros leitores, lêde
O que disse uma sardinha,
Que nunca caira em rede,
Nem co'a melhor iscasinha:



— Creio que sois dois pacatos,
Apezar das más alcunhas...
Mas vejo que ambos sois gatos,
E todo o gato tem unhas.

Faço d'aqui uma aposta;
E querem saber qual é?...
— Que esta sardinha da costa
Era mais fina que o Zé.

Zia.



OUTRA NA FERRADURA

Os jornaes fazem a biographia de um velho soldado de cento e oito annos de idade, que tem a Torre e Espada e recebe do estado 135 réis por dia.

E' alguma coisa mais do que cinco réis por anno.

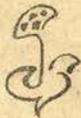
Não se pode dizer que o systema liberal não remunere os seus servidores.



Na Boa-Hora, o conhecido advogado Affonso Costa :

«—Olhe, eu nunca puz nada no *prego*, como se diz em Coimbra.»

Perdão ! Não é só em Coimbra que se diz. Também se diz em Lisboa.



O terreno da Avenida primitivamente destinado ao ministerio da justiça, acaba de passar para o ministerio da fazenda.

Ainda o havemos de ver com a presidencia do conselho.



Das Novidades :

«Os homens, apesar de politicos, não são feras; são seres sociaveis.»

E' justamente o que os torna perniciosos. Como feras, faziam menos estragos.



Viagem de Affonso XIII :

«Foi revistada cuidadosamente a linha ferrea, por onde ha de seguir o comboyo real, afim de se evitar qualquer desastre.»

D'onde se conclue que nas linhas ferreas hespanholas só se procuram evitar desastres quando transitam comboyos reaes.

Para os comboios ordinarios não ha revista.

Naturalmente a razão do facto está em que os comboyos ordinarios não são tão sujeitos a desastres como os comboyos reaes.

D'ahi, as precauções especiaes.



Foi benzida a *Patria*, nos termos que seguem :

«Monsenhor Sant'Anna, com o acompanhamento dos 8 irmãos de S. Roque e de todos os assistentes, entrou na coberta pelo lado de bombordo, foi até quasi á prôa, espargindo o interior da canhoneira, voltou á ré, por estibordo, e desceu por fim a escada do portaló, encaminhando-se por bombordo até á ré do navio, pela parte externa, indo depois á prôa, a que deu volta, seguindo de novo á ré, por estibordo, com aspersão de agua benta em todo este percurso.»

Não foi uma benção. Foi uma molha. Emfim, é preciso habituar os navios á agua.



Está-se na duvida sobre se os insubordinados de infantaria 18 devem ser indultados no dia dos annos dos monarchas, ou n'outro dia.

Um indulto n'um dia d'annos não é em rigor um indulto : é um prato de arroz doce.

N'uma palavra : piedade de sobrezeza. Está aqui está a apparecer nos menus do Ferrari.



Carta de Lamego, para o *Seculo* :

«A' meia noute de 22 do corrente, quando o silencio apenas é interrompido pelo murmurio das aguas do Coura e pelo mavioso cantar do encantador rouxinol, a cidade foi despertada pelos harmoniosos sons arrancados dos violinos e bandolins do Grupo Musical dos Seis, que, pela segunda vez, percorreu algumas ruas d'esta cidade, executando mimosas composições do eximio maestro J. d'Almeida Saldanha Junior e de Antonio Rosario.»

Não digam que não. Um povo que ainda escreve assim, mesmo na provincia — como diria o sr. conde de Valenças — não, não... não está perdido.



O sr. Hintze Ribeiro sympathizou com o verbo alastrar, que elle pronuncia — *alastar-se*.

Na reunião da maioria disse que «o Socialismo alastra-se e os meios de locomoção vão-se alastrando.»

Emfim, é um vocabulo novo que está de serviço á presidencia do conselho.



Os conductores :

«Ante-hontem de tarde, á 1 hora e meia, pouco mais ou menos, n'um carro que se dirigia para o Conde Barão, o conductor 205 foi bastante grosseiro com uma mulher já edosa que, por engano, querendo mandar parar o carro, deu dois toques em vez d'um.

Como os restantes passageiros lhe fizessem ver a maneira pouco correcta como estava procedendo, voltou se contra elles insultando-os.

Os passageiros — moita ! Não ha duvida: os povos tem os conductores que merecem.



Novas migalhas da reunião da maioria. O sr. Hintze Ribeiro : «O seu governo é liberal porque tem fei-to respeitar todas as garantias individuaes.» E' o que se tem visto. As garantias liberaes são umas senhoras muito respeitadas.



Disse mais o nobre presidente :

«Em Hespanha e Portugal os partidos valem os seus chefes.»

Depois d'esta affirmação, o partido regenerador, pela voz do sr. Moraes Carvalho, declarou-se justamente orgulhoso. No fim — bolos.



Ainda está preso na Servia um homem que attentou contra o rei Milano, mas, segundo informam d'ali, o primeiro Witch que atirou sobre o rei Alexandre foi nomeado governador geral do Belgrado.

Não é uma questão de justiça: é uma questão de pontaria.

Boas pontarias — bons logares.



Os jornaes dão noticia de um Obrenovitch sobrevivente.

Foi algum que se escondeu debaixo da cama.



No final do seu juramento, o novo rei servio disse:

«Que Deus me proteja — Amen.»

E' como quem diz:

«Seja o que Deus quizer. Amen.»

O FERRADOR.

ENCERRAMENTO DA CAMARA

O abotoar do seio da representação nacional



— O' filho! não faltes para o anno!

Pela ordem

Diz-se que o sr. Hintze vae atacar a imprensa.

De camaras fechadas, o nosso querido amigo pensa em fazer entrar na ordem, uma sucia de escrevinhadores, que andam a desnortear o paiz, com a propaganda vil de casos e coisas da politica regeneradora, a mais alta, a mais nobre, a mais elevada politica, de que ha memoria, desde El-Rei D. Affonso Henriques—até hoje.

Sua excellencia com aquelle alto espirito que Deus lhe deu, espirito de governo, espirito de ordem, comprehendeu e muito bem, que os grandes males, as grandes vergonhas que tem enxovalhado o paiz, proveem, exclusivamente, d'essa propaganda filha de reles ambições, de despeitos, da mais positiva negação do amor da patria, do mais revoltante e criminoso egoismo, feita pelos homens da imprensa.

Homens sem convicções firmes como as de sua excellencia, sem a largueza de vistas governativa do seu privilegiado e excepcional cerebro, corrompendo todas as boas intenções, sophismando todas as grandes medidas, manchando com a baba da suspeita e até da calunnia os mais nobres intentos dos actos politicos de sua excellencia e dos seus companheiros, servindo-se das pennas ignobeis molhadas em fel e inveja, teem espalhado pelos quatro cantos da Terra, indignamente, que o seu governo é o mais revoltante dos que até hoje teem commandado a vida de Portugal, que sua excellencia—ó Ceus!—é um mediocre e caprichoso homem politico; que o estado do paiz é miserando, por empobrecido, desacreditado, espoliado na sua riqueza material e ainda na riqueza moral das suas liberdades ganhas com sangue!

Tudo tem espalhado os malandros!

A verdade, que ahí está expressa em algarismos orçamentaes, os factos de todos os dias revelando o respeito pela propriedade, pelas liberdades individuaes, a absoluta garantia para o trabalho, para o exercicio liberrimo das faculdades intellectuaes de cada um, esta verdade patente a todos, clara, explicita, inatacavel, elles a cobrem com o manto dos sophismas, velam-na com a capciosidade dos argumentos, mancham-na com injectos deturpadores de funestissimo alcance.

*
*
*

Tão funesta que o paiz honrado vive n'uma duvida cruel sobre a honestidade e valor dos seus homens publicos, de todos desconfia e se afasta, como se fossem uma quadrilha de bandidos, começa a pensar em soluções energicas, irrespeitosas, criminosas perante a justiça e a ordem!

Cá dentro; porque, lá fóra, passadas as fronteiras, as mais esmagadoras campanhas de desprezo teem sido levantadas, pondo pelas ruas da amargura a seriedade e a honradez do povo portuguez, digno de melhor juizo e de consideração equal á dos mais povos que se dizem dignos.

*

Quem são os culpados, os reus d'estas miserias? Os jornalistas.

Nenhuma duvida ha.

Que são os jornalistas? Com excepção das nobilissimas pennas que enchem de luz e de prestigio os actos ministeriaes? Quem são?

Uma sucia de pandilhas á cata de um emprego, á procura de um osso que esburegem, roendo com anciedade esfaimada as migalhas que cáem dos lautos banquetes orçamentaes.

Cegos que não querem ver, surdos que não querem ouvir, que são os da peor especie.

Da peor especie, porque, sendo assim, nada os detem, nada os intimida, nada lhes merece respeito.

Irreverentes e audazes discutem tudo, tudo abocanham, tudo enxovalham.

Para elles não ha contemplações para os ricos, nem para os poderosos. Com o seu chapéu de côco, russo, as suas rabonas coçadas, o cigarro ao canto da bocca, investem, irreverentes, contra os chapéus armados, contra os casacos bordados, contra os charutos caros.

Não está seguro o ministro no seu gabinete, o deputado no seu circulo, o empregado no seu emprego, o *commissario* na sua commissão, o juiz na sua tribuna, o tendeiro no seu balcão, a freira na sua cella... até Deus no seu altar não está seguro!

Isto é a desordem, isto é a confusão, isto é a anarchia.

O nobre ministro da Ordem, como nenhum outro, tem o profundo conhecimento d'este estado moral do paiz e na sua luminosa intelligencia e seu generosissimo coração, a bem de nós todos e da patria que tanto ama, levantou-se a necessidade imperiosa de domar as feras, de correr a chicote esta horda de filhos espurios, de miseraveis, que propagam a deshonra da terra que os viu nascer, arrastando-a a uma morte certa e desastrosa.

Sua excellencia vae erguer-se, e ainda bem, a toda altura do seu genio, a toda a grandeza da sua figura pombalina!

Sua excellencia vae decretar a Ordem, sua excellencia vae impôr a verdadeira Liberdade.

Na reunião da maioria que pôde comparar-se com a maior propriedade com a reunião, a ceia de despedida dos apóstolos e do divino Mestre, sua excellencia o disse.

Não claramente como soem fazel-o os espiritos chatos e vulgares, mas veladamente, com aquelle alto cheiro propheticos dos illuminados.

Sua excellencia depois de refazer em syntheses, á S. Chrysantemo—o bocca de oiro—a gloriosa vida politica do ultimo anno do seu não menos glorioso consulado; depois de pintar como um Detaille da palavra os feitos épicos das ultimas batalhas parlamentares, definiu o brilhante estado do paiz e as medidas que lhe pareciam necessárias executar para complemento da absoluta felicidade da nossa terra. A primeira é albardar a imprensa!

O Nazareno não foi mais attentamente escutado quando pregava o modo de alcançar o paraizo.

Por uma d'estas vulgares aproximações espirituas dos grandes homens atravez dos seculos, luminosa a frente e rebrilhante o olhinho atravez da lente, sua excellencia exclamou aos maioristicos:

Ide e pregae por todas as partes e a todas as gentes a boa doutrina.

Elle o disse e agora toca a... cantar!

M. M.

*Deus me livre!...*

Um novo rei coroado
Stá na Servia-qualquer dia;
Rei de nome arrevezado,
Que deixa logo engasgado
Aquelle que o pronuncia.

Mas este rei não concorda
Co'a lista civil presente;
Entende que é pouca a assorda
E pretende entrar na engorda...
No que pensa sabiamente.

Um rei não se escolhe a esmo;
Quer-se homem de boas notas
Que se arrisque a ser torresmo...
E não vem a ser o mesmo
Do que andar a engraxar botas.

Quem quer rei com seu braço
Abra a bolsa, e não se assuste
Porque lhe falta a engão,
E lá nos diz o rifão:
Quem quer uste que lhe custe.

Olha, Zé povinho, eu cá
Vejo-me falto de bens
Dos taes que a fortuna dá...
Mas não era rei de lá
Nem por dezoito vintens!...

Antes aqui em Lisboa
Viver em casa modesta,
Roer pedaços de b'róa,
Do que na Servia ter c'róa
Atarrachada na testa!...

Antes cantigas do fado,
Antes do Arroyo as canções,
Antes bacalhau saigado...
Do que lá star arriscado
A conspurcar os calções!

Palavras

Não se pôde dizer que as ultimas semanas não tenham dado assumpto para chronica de sensação.

Desde a chacina de Belgrado até ás pranchadas do Porto, desde as chuvas torrencias e insolitas, até ás comieas e costumadas sessões parlamentares de S. Bento, muito haveria que dizer e que desfiar.

No caso de Belgrado entre muitas notas comicas — parte inalienavel das tragedias — ha uma que faz chorar : é aquella sensibilidade que em todos os paizes expulsiu ante o sensacional drama. A Europa achou o crime anachronico, fóra do tempo, revoltante para os nossos dias de altruismo, de docura, de perfeição espirital.

A compadecida Europa que deixa esmagar a Grecia e o Transval : que usa a guilhotina, o garrote, o gancho inglez ; que consente a Russia e se liga com ella ; que tem as penitenciaras e tolera os conventos gradeados ; que vive na mentira, na exploração do pobre, no servilismo do rico, na submissão miseravel ás castas ; que se alimenta da hypocrisia convencional ; que assassina pela sombra, o que trabalha ; que bestializa pelo militarismo, empobrece a Terra, cria a miseria organica, commercia infamemente com a fraude e a trapaça, aniquilando corpos, vitalizando as molestias, organizada pelo crime, vivendo no crime e amparando-se no crime, de todas as horas, esta velha e delicada Europa tremeu de horror, porque n'uma sedicção militar, uns soldados mataram a revolver e ao sabre, um rei imbecil, uma rainha patusca e alguns adeptos.

Parce que até hoje, nas revoltas, os inimigos se teem morto arremessando trouxas d'ovos e bonbons de chocolate e que as victimas teem sido escolhidas, nos massacres, com a consciencia e o cuidado de quem aparta os pés de cicuta Jos' pês dos agrões — na confeção da saladá.

A doce, a sensível, a delicada Europa que de vez em quando, esphacela nos campos de batalha dezenas de milhares de victimas, á bala, á dynamite, sob as patas dos cavallos, sob os rodados das carretas, — victimas innocentes, pobres creaturas, sem sombra de culpa, roubadas aos doces affectos da familia, despedaçando corações e decretando luctos crueis — a virtuosa matrona toda se comoveu e chorou tocada pela forma barbara da tragedia servica.

E' bom ter presente que as velhas libertinas muita vez se mostram doloridas, empallidecem e desmaiam, como as raparigas. N'estas, as crises veem do coração, segundo a velha phrase, são nobres as suas dores e a sua pallidez.

Nas velhas, (é preciso não confundir) o bater do coração e os desmaios veem do estomago; não são effeitos de sentimentos elevados... são gazes!

Tal o estado da Europa, a requisitar cartão de Belloc e bismutho.



No baile

N'uma noite feliz dancei com ella
Uma valsa qualquer, vertiginosa;
Era ligeira igual á mariposa;
A Venus não chegava a ser mais bella !...

Em mim desencadeia-se a procella
D'uma ardente paixão esperançosa...
Té cheguei a tomar uma gazosa
Porque sentia fogo na guella !...

E vae digo lhe assim:—«Sois uma fada»!
Ella:—«Está enganado, não sou isso,
Sou Maria José, sua creada.»

Erriqui-se-me o pello no toutico;
E, co'uma cara d'asno aparvalhada,
Não fiquei homem, não, fiquei ouriço !

Benzedella

A *Patria*, a canhoneira que, como se sabe, foi feita por subscrição publica dos portuguezes residentes no Brazil, no Arsenal de Marinha—concluiu-se.

Antes, porém, de ser lançada á agua benzeram-na.

Benzeram-na !

Fica-se a pensar o que terá, ou poderá ter de maligno ou heretico no novo arcaboiço, o patriótico barco ! Fica-se a pensar como estes ridiculos habitos podem prevalecer ainda hoje no meio da gargalhada geral.

Para que não lhes dê o quebranto, benzem-se, na provincia, ainda hoje, os carneiros e os burros ; e, depois de bentos, pendurase-lhes ao pescoço uma figa também benta.

Obedecendo, de certo, á mesma idéa, na cidade benzem-se os navios.

Cidades e aldeias em Portugal vão a par na elevação intellectual.

Como uma figa pendente em qualquer parte do navio não seja facilmente vista pelo diabo, aconselhámos a que lhe colloquem no mastro grande um corno de boi — da Beira.

E será invencivel !



Uma piada de Garrett

Um qualquer, que largára ha pouco a mamã,

E que tinha basofias litteratas,
Dos olhos enxotou as cataratas
E no theatro normal quiz pôr um drama.

O auxilio de Garrett então reclama
Para no seu poema pôr erratas :
—«Onde achar minhas phrases não sensatas

Ponha uma cruz.—Garrett, o d'alta fama.

Leu a estopada para seu castigo;
E, sabendo ostentar todo o seu sério,
Responde éstas palavras que aqui digo:

—«Li com toda a attenção do meu criterio;
Mas não faço a vontade ao meu amigo
Pr'a não fazer do drama um cemiterio.»



Alta politica

Como poderá haver qualquer hypothese em que o sr. Hintze tivesse de ser obrigado a passar o pé ás amarguras do governo, o sr. José Luciano adoeceu de um pé.

Esta passagem do pé do sr. Luciano, deixa o sr. Hintze, novamente de pé.

E' o caso de dizer ao illustre chefe progressista :—dá cá o pé meu russo.



Logica

Um preso, na penitenciaría, agride e tenta matar o medico.

Vae-se a vér : é um louco, cuja loucura lhe impõe o crime.

Logo : está muito bem na penitenciaría.

Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portuguezes

Banhos do mar e aguas thermaes em 1903. Serviço combinado entre varias estações d'esta companhia e diversas das linhas do Sul, Sueste, Beira Alta, Minho e Douro Porto a Povoa e Famalicão e Guimarães.

Viagens de ida e volta a preços reduzidos com bilhetes validos por dois mezes com a faculdade de ampliação de prazo e de detenção em diversas estações de transito.

Em idênticas condições do serviço especial interno d'esta companhia para a epoca de banhos e aguas thermaes, já devidamente annuciado desde 15 de junho até 31 de outubro de 1903 as principaes estações das linhas acima mencionadas terão á venda bilhetes de ida e volta a preços reduzidos, validos por dois mezes, com destino ás diversas localidades de banhos de mar e aguas thermaes servidas pelas estações das linhas combinadas.

Demais condições e preços ver os cartazes affixados nos logares do costume.

Lisboa, 10 de Junho de 1903

O Director Geral da Companhia
Chapuy

Ourivesaria e Relojoaria
com officina annexa
de fabrico e
concertos



Jóias
com brilhantes
Preços limitadissimos
99, RUA AUREA, 99

Callista pedicuro



JERONYMO FERNANDES
Empregado da casa Ornellas
R. SERPA PINTO, 48, 1.º
(Frente para o Chiado.)

EXTRACÇÃO de callos e
desencruamento de unhas
pelos mais modernos processos
até hoje conhecidos.

Pede-se ao publico que visite este consultorio para se certificar dos verdadeiros milogres que ali se operam.

Das 9 ás 5 da tarde

Capa d'A COMEDIA PORTUGUEZA

A cores e dourada

PREÇO 600 RÉIS

Encadernação 200 réis

Os pedidos da provincia devem vir acompanhados de mais 40 réis para porte do correio.

1.º anno d'«A Comedia Portugueza»

ENCADERNADO

Preço 2\$400 réis

Vende-se na rua do Gremio Luzitano, 66, 1.º.

A LUZ ELECTRICA NO ROCIO



No seculo das luzes

Os bois argentinos



21m talhez.

Nova maneira de comer bifes

— Dá-me tres kilos de carne limpa?
— Só se traz um valente grupo de moços de forçado.